

Recebido em 15/02/2023 e aprovado em 26/04/2023

## ENTREVISTA: KARINA GRÖMER *INTERVIEW: KARINA GRÖMER*

Marcellus d'Almeida de Almeida<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-9369-3632> / [marcellus85@gmail.com](mailto:marcellus85@gmail.com)



Karina Grömer é Diretora do Departamento de Pré-História do Museu de História Natural de Viena. É especialista em análises têxteis e pesquisa sobre as ferramentas têxteis e reconstituição de vestimentas pré-históricas. Durante seus estudos de formação acadêmica, participou de escavações na Áustria, França, Croácia e Polônia, em sítios arqueológicos com datações entre o Neolítico e o Período Romano. Sua tese de habilitação, *Archaeological Textile Research – Technical, economic and social aspects of textile production and clothing from Neolithic to the Early Modern*, foi defendida na Universidade de Viena em 2019 e desde 2008 trabalha no Departamento de Pré-História no Museu de história Natural de Viena para diferentes projetos de pesquisas internacionais, entre os quais se

destacam HallTex FWF: *Dyeing techniques of the prehistoric textiles from the salt mine of Hallstatt*, DressID; *Clothing and Identity*, CinBa; *Creativity in the Bronze Age* e *Chehrabad Saltmummy and Saltmine Exploration Project*. Atualmente dedica-se a análises de tecidos recolhidos em cemitérios, minas de sal e ocupações residenciais, entre 2500 BC até 1000 AD, cobrindo uma vasta área, desde a Europa Central até o Irã.

<sup>1</sup>Arqueológico autônomo.

## Clio Arqueológica. Como surgiu a ideia do livro *The Art of Prehistoric Textile Making*?

**Dra. Karina Grömer:** Alguns amigos me pediram para compilar o que eu sabia sobre as pesquisas arqueológicas têxteis. Foi muito divertido criar um mapa mental sobre os diferentes aspectos desde a definição de tecido, a preservação dos tecidos nos contextos arqueológicos, as diversas etapas da produção têxtil e as fontes arqueológicas; e outras questões relativas aos tecidos, como os aspectos funcionais desde a pré-história, ou ainda a sociologia por trás desses materiais – quem os produziu e quem foram os consumidores, onde viveram e trabalharam etc. Mais precisamente, é uma *História Geral* das roupas na Europa Central e Setentrional desde os primeiros agricultores, por volta de 6.000 a.C. até o Império Romano. Os livros sobre a história do vestuário sempre começam

# QUIS TRAÇAR OUTRO RETRATO DA BELEZA E DA RIQUEZA DAS VESTIMENTAS PRÉ- HISTÓRICAS

com o Egito Antigo, Grécia e Roma, enquanto que a população pré-histórica na Europa Central e do Norte geralmente é mostrada apenas como bárbaros cobertos de trapos. Quis traçar outro retrato da beleza e da riqueza das vestimentas pré-históricas, estritamente baseado em achados arqueológicos. Tenho muito carinho por este projeto.

2

## Clio Arqueológica. Conte-nos um pouco sobre a origem do seu interesse por tecidos.

**Dra. Karina Grömer.** Eu venho da zona rural da Áustria e o artesanato, que inclui a produção de tecidos, sempre fez parte da minha vida. O meu interesse em estudar arqueologia começou muito cedo. Eu tinha apenas sete anos quando vi pela primeira vez uma exposição arqueológica, na qual estava incluída uma múmia. Eu me apaixonei instantaneamente!

Os estudos sobre cultura material em arqueologia determinaram o meu interesse e por isso me especializei na análise e interpretação dos achados arqueológicos têxteis. Para a arqueologia têxtil, quando comecei na década de 1990, havia dois estudiosos proeminentes, que também me

orientaram durante o doutorado sobre os tecidos provenientes de Hallstatt e na minha habilitação: Prof. John Peter Wild da Universidade de Manchester e Profa. Lise Bender Jorgensen da Universidade de Trondheim.

## *OS TECIDOS ENQUANTO CULTURA MATERIAL DO PASSADO SÃO CLARAMENTE SUBESTIMADOS*

Além disso, o auxílio de obras inspiradoras no Condado da Bavária e Baden Wurttemberg bem como no Centro de Pesquisa Têxtil, como aquelas realizadas por Marie Louise Nosch, Eva Anderson Strand e Ulla Mannering, foram fundamentais nos meus estudos.

Os tecidos enquanto cultura material do passado são claramente subestimados, mesmo pelos arqueólogos. Tais artefatos são bastante raros. No Centro e Norte da Europa eles podem sobreviver apenas em certas circunstâncias, como gelo, sal, nos pântanos, presos a itens metálicos. Muitas vezes, os tecidos arqueológicos são muito pequenos, difíceis de se identificar. Por isto, são necessários especialistas que cuidem da análise e interpretação desses materiais.

3

**Clio Arqueológica. Além da proeza dos artesãos pré-históricos em conseguir fios finíssimos, de serem capazes de elaborar padrões decorativos complexos, até tecidos com palha, os tipos de matéria prima utilizados eram incomuns, não?**

**Dra. Karina Grömer:** O que vemos ao estudar os tecidos arqueológicos é que, mesmo há milhares de anos, os povos pré-históricos usavam todos os tipos de matérias-primas para fazer tecidos, incluindo lã de ovelha e linho, também de cabra, texugo e crina de cavalo, ou cânhamo, casca interna de limoeiro e urtiga. Os fabricantes de tecido tinham a tarefa de tirar o melhor proveito das matérias-primas, de manipulá-las, processando as fibras, aprimorando e adaptando as técnicas de fiação e técnicas de tecelagem, para obter determinadas estruturas com propriedades específicas. Podemos dar o exemplo de tecidos que se mantêm quentes ou frios, e aqueles que absorvem ou

repelem a água. Milhares de anos atrás, materiais bastante incomuns foram empregados para produzir tecidos, como o uso do amianto pelos gregos. Eles admiraram o material pois era capaz de resistir ao fogo. Através desse mineral fibroso fizeram véus, toalhas de mesa e mortalhas.

## A COR TAMBÉM FOI APLICADA AOS TECIDOS NA EUROPA CENTRAL DESDE MEADOS DO SEGUNDO MILÊNIO A.C.

As habilidades artesanais eram incríveis! Durante o período hallstattiano, 2.600 anos atrás, era possível obter fios de 0,1 mm de espessura, tão finos quanto os modernos fios de costura. A fiação era realizada com itens muito simples, apenas o fuso. A cor também foi aplicada aos tecidos na Europa Central desde meados do segundo milênio a.C., como provam os achados na mina de sal de Hallstatt e na mina de cobre de Mitterberg. Diferentes

4

plantas como pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctoria*), gonda ou lírio-dos-tintureiros (*Reseda luteola*), garança (*Rubia tinctorum*), foram usadas para se obter cores vivas como azul, amarelo e vermelho, respectivamente. Também foram usados corantes de insetos, cochonilha polonesa e kermes, encontrados em sepulturas principescas como em Hochdorf, na Alemanha, e nas minas de sal de Hallstatt e Dürrnberg, na Áustria.

### Clio Arqueológica. O que a máquina de tear representa para a humanidade?

**Dra. Karina Grömer:** Desde o advento das primeiras culturas agrícolas na Europa Central, por volta de 6.000 a 5.000 anos a.C., o tear de urdidura estava em uso para produzir tecidos. O tear de urdidura é uma das primeiras “máquinas” da humanidade, porque é um aparelho onde um feixe de fios é movimentado, levantando e abaixando de uma só vez. A automação por cartões perfurados e código binário – crucial para o desenvolvimento da computação moderna – foi aplicada pela primeira vez na tecelagem. Joseph-Marie Jacquard, que viveu entre os séculos XVIII e XIX, incluiu cartões perfurados em um tear de modelo austríaco que continha informações sobre o padrão a ser

tecido. Os orifícios e a ausência deles nos cartões determinariam se os fios seriam atravessados ou não, criando assim os padrões. Através dos cartões perfurados, “armazenamento de dados” em termos modernos, o tear de Jacquard foi a primeira máquina que pôde ser programada conforme a necessidade para alcançar padrões de qualquer complexidade.

## *O TEAR DE JACQUARD FOI A PRIMEIRA MÁQUINA QUE PÔDE SER PROGRAMADA*

A capacidade de produzir com velocidade teve um impacto na humanidade. Está é também a razão pela qual muitas invenções em nossa história foram feitas em torno do trabalho têxtil. Por exemplo, as máquinas de fiar no início da Era Moderna e as máquinas de

tear movidas a vapor tiveram um grande impacto na Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII. Isto teve reflexos na sociedade, na definição da força de trabalho, consumo e muito mais.

5

**Clio Arqueológica. O que mudou em relação ao conhecimento prévio da produção têxtil nas Idades dos Metais com as descobertas na mina de sal de Hallstatt?**

**Dra. Karina Grömer:** Até a descoberta dos tecidos de Hallstatt e Dürrnberg na Áustria, do primeiro milênio a.C., pouco se sabia acerca dos tecidos na Europa Central antes dos romanos. Às vezes, eram encontrados fragmentos de tecidos presos a facas, espadas, joias através da ferrugem.

Os tecidos de Hallstatt e Dürrnberg ainda são coloridos, com padrões ricos em detalhe, também estruturas, elementos costurados e diferentes qualidades. Eles demonstraram uma visão maravilhosa sobre os altos padrões de habilidade dos artesãos da Idade do Ferro. Também foi surpreendente ver como as plantas foram usadas para tingir, denotando um grande conhecimento botânico.

Os métodos científicos mais recentes foram aplicados para analisar os tecidos provenientes das minas de sal. A cromatografia líquida de alta eficiência foi aplicada para detectar o método de tingimento e os corantes de plantas ou insetos usados para tingir as cores vivas. A datação por  $^{14}\text{C}$  dos tecidos propiciou novos *insights* cronológicos. A análise das próprias fibras com microscopia óptica e microscopia eletrônica de varredura nos permitiu entender quais animais ou plantas foram usados para fazer os tecidos. Também devemos mencionar que as investigações específicas de acordo com as medições de fibra e plotagem de histogramas nos contaram histórias sobre o desenvolvimento da criação de ovinos nos 2º e 1º milênio a.C. Muitos aspectos mais interessantes poderão ser investigados devido ao refinamento e técnicas nos próximos anos.

**Clio Arqueológica. Uma das vantagens de se estudar tecidos é que continuam sendo usados da mesma maneira por milhares de anos, em roupas, luvas, cobertores, boinas etc., como pudemos ver nas múmias das minas de sal de Hallstatt e no Irã que a senhora estudou. Mas a conservação desses materiais é sempre muito difícil. O que temos que levar em consideração quando escavamos um sítio arqueológico para recuperar esses materiais têxteis?**

6

## *TENTAMOS RECONSTRUIR AS VESTIMENTAS TAMBÉM CORRELACIONANDO-AS A FONTES PICTÓRICAS*

**Dra. Karina Grömer:** O problema nas escavações arqueológicas é que as condições climáticas na Europa Central, assim como em outros lugares, são bastante ruins para conservação deste tipo de vestígio. Ao escavarmos sepulturas pré-históricas, por exemplo, geralmente apenas os ossos sobrevivem e os elementos de metal, como espadas, fivelas, cintos, joias, alfinetes, broches. Em alguns casos, como em broches,

fragmentos de tecido podem estar fixados. Eles podem revelar a vestimenta com a qual o falecido foi enterrado. Embora minúsculos e muitas vezes difíceis de entender, tentamos reconstruir as vestimentas também correlacionando-as a fontes pictóricas e quando temos sorte, a fragmentos

maiores, como nos casos das múmias, ou corpos dos pântanos, como o homem de Tollund, ou ainda do Ötzi, o Homem do Gelo. O problema é que não sabemos se eles são representativos.

Por exemplo, as roupas encontradas com o *Saltman 4* de Chehrabad no Irã – era um homem de 17 anos que morreu devido ao desmoronamento da mina, por volta de 400 a.C. – são roupas de trabalho que ele usou no momento em que estava coletando sal. Não sabemos o que essa pessoa pode ter usado, por exemplo, em uma festa. Por outro lado, quando encontramos roupas em uma sepultura não podemos assegurar que a pessoa usava estas mesmas roupas no dia a dia. As indumentárias achadas na sepultura são algo especial, os melhores trajes, ou a pessoa enterrada jamais usou aquelas roupas na vida? Sabemos que em quase todas as sociedades, geralmente os indivíduos não são enterrados com as roupas que estão vestidas quando acabam de morrer, mas são realizados rituais de lavagem do corpo e são vestidas novamente. Assim, as roupas escolhidas para o enterro são especiais. Quando estudamos as populações que não usavam escrita, como na Europa pré-histórica as dificuldades aumentam.

## *OUTRA FONTE QUE NÃO DISCUTIMOS ATÉ AGORA SÃO AS FERRAMENTAS USADAS PARA FAZER ROUPAS*

Outra fonte que não discutimos até agora são as ferramentas usadas para fazer roupas. Algumas das ferramentas básicas para girar o fio é o fuso, que temos de fontes arqueológicas da Europa, geralmente feitas de cerâmica. Os fusos estavam em uso desde os primeiros agricultores, de 5.500 a.C. até a introdução da roda de fiar no início da Idade Média e tiveram diferentes formas ao longo da história. Itens semelhantes

também são conhecidos no Brasil. Ainda são usados no continente sul-americano, especialmente por populações indígenas. Além disso, suas formas de expressar sua identidade por meio de certos tipos de roupas, cores e padrões são bastante distintas.

**Clio Arqueológica. Quais atividades e ações a senhora e o Museu de História Natural de Viena vêm executando para divulgar as pesquisas com tecidos?**

**Dra. Karina Grömer:** Além das pesquisas científicas tradicionais temos práticas experimentais e oficinas. Como os tecidos acompanham os seres humanos desde a pré-história essas atividades manuais que desenvolvemos têm um poder especial, elas despertam o interesse das pessoas muito rapidamente. Separei algumas fotos que registram essas atividades e gostaria de fossem incluídas na entrevista.

**Clio Arqueológica. Claro, sem dúvida podemos incluí-las.**



Figura 1. Tecidos encontrados na mina de sal de Hallstatt, realizados por volta de 2.600 anos atrás.

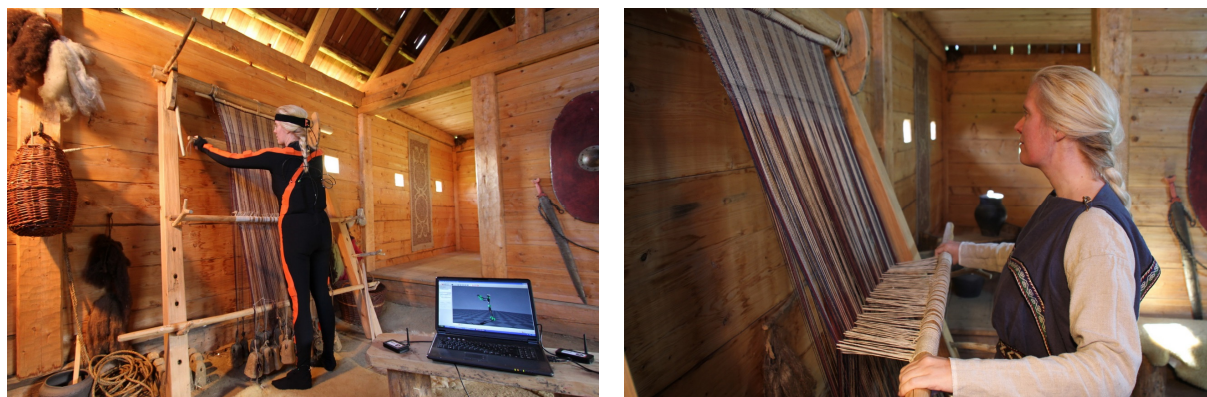


Figura 2. Tecendo em tear de urdidura vestida com uma roupa para captura de movimento, com o objetivo de investigar os movimentos realizados durante a atividade.



Figura 3. Tecendo com placas quadradas a fim de reproduzir um padrão de 2.600 mil anos de idade.



Figura 4. Dra. Karina Grömer apresentando roupas antigas para um grupo de crianças em idade escolar.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

HALD, M. Ancient Danish Textiles from Bogs and Burials. The National Museum of Denmark Vol. XI, Copenhagen, 1980.

Wild, J. P. Textile Manufacture in the Northern Roman Provinces. Cambridge University Press. Cambridge, 1970.

JØRGENSEN, B. L. North European Textiles until AD 1000. Aarhus University Press. Aarhus, 1992.

STRAND, A. The Basis of Textile Tools and Textile Technology: From fibre to fabric. In: Textile Terminologies in the ancient Near East and Mediterranean from the third to the first millennia BC. (eds. C. Michel & M.-L. Nosch). Ancient Textiles Series 8. Oxbow Books. Oxford, 2010.

## PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES DA ENTREVISTADA

GRÖMER, K. The Art of Prehistoric Textile Making – The development of craft traditions and clothing in Central Europe. Veröffentlichungen der Prähistorischen Abteilung 5, Verlag des Naturhistorischen Museums Wien, Vienna 2016.

GRÖMER, K. Römische Textilien in Noricum und Westpannonien - im Kontext der archäologischen Gewebefunde 2000 v. Chr. - 500 n. Chr. in Österreich. Austria Antiqua, Graz 2014.

GRÖMER, K., KERN, A., RESCHREITER, H. und RÖSEL-MAUTENDORFER, H. Textiles from Hallstatt. Weaving culture in Bronze and Iron Age Salt Mines. Archaeolingua 29, Budapest 2013.

GRÖMER, K. The Textiles from the prehistoric Salt-mines at Hallstatt. In P. Bichler, K. Grömer, R. Hofmann-de Keijzer, A. Kern and H. Reschreiter (eds.) *“Hallstatt Textiles” Technical Analysis, Scientific Investigation and Experiment on Iron Age Textiles*. BAR International Series 1351, Oxford: Archaeopress: 17–40, 2005.

GRÖMER, K. Cloth qualities from 800BC – 800AD in Central Europe: context - development - handcraft. *Archaeological Textiles Newsletter* 51, 2010.

GRÖMER, K. The Art of Prehistoric Textile Making – The development of craft traditions and clothing in Central Europe. Veröffentlichungen der Prähistorischen Abteilung 5, Vienna, 2016.